



Laocoonte—Vaticano

(Vide artigo *Palestras d'Arte Christã*)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 188

Braga, 3 de Fevereiro de 1917

Anno IV

AS EGREJAS
 fornecem-se da
casa Monteiro Borges
 (Ruas do Sol e Batalha-Porto)
 por ser a mais completa no seu genero

O que ha de mais belo
 em **IMAGENS**
 de mais importante
 em **PARAMENTOS**
 e de mais fino em
ALFAIAS



ESCULTURA
 RELIGIOSA
 EM
 MADEIRA

**Titulo da Casa Monteiro
 Borges
 Ornamentos d'Egreja**

**Titulo da Casa Monteiro
 Borges
 Escultura Religiosa em
 madeira**

IMAGENS — PARAMENTOS — ALFAIAS

Monteiro Borges — PORTO

Quem imita esta casa reconhece-lhe a superioridade

A im- prensa

Officina de Esculptura Religiosa

A convite do conhecido negociante sr. Monteiro Borges, visitamos o seu novo «atelier» de esculptura religiosa, junto do importante estabelecimento de paramenteiro e de todos os artigos para ornamentos de egrejas que possui á esquina das ruas da Batalha e da do Sol. A officina em que trabalham habeis esculptores, tem já grande encomenda de imagens. Para provar que o trabalho é correcto, basta ter a dirigil-a o sr. Americo de Sousa Oliveira; na officina de pintura, que fica junta, está o sr. Francisco Alves Costa, que desde ha muito é conhecido como artista distincto. A larga competencia do sr. Monteiro Borges e do pessoal de que se rodeou garante-lhe a preferencia das pessoas que desejam artigos religiosos, tanto mais que encontrarão ali um sortido completo e variadissimo, a par de uma grande lisura na maneira como todas as transacções são feitas. Visitamos tambem as officinas de custura, bordados, retrozeiro o flores artificiaes, tendo occasião de avaliar o primoroso acabamento de todos os trabalhos. O sr. Monteiro Borges pode orgulhar-se de possuir, no genero, um estabelecimento que entre nós não tem igual.

De «O Primeiro de Janeiro»



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—OCC—

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos F. Pelxoto.

Braga, 3 de Fevereiro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 188—Anno IV



A Senhora D. Maria Amelia, viuva de S. M. El-rei D. Carlos o «Assassinado», a quem o rei Jorge V de Inglaterra condecorou pelos seus relevantes serviços na cruz vermelha ingleza



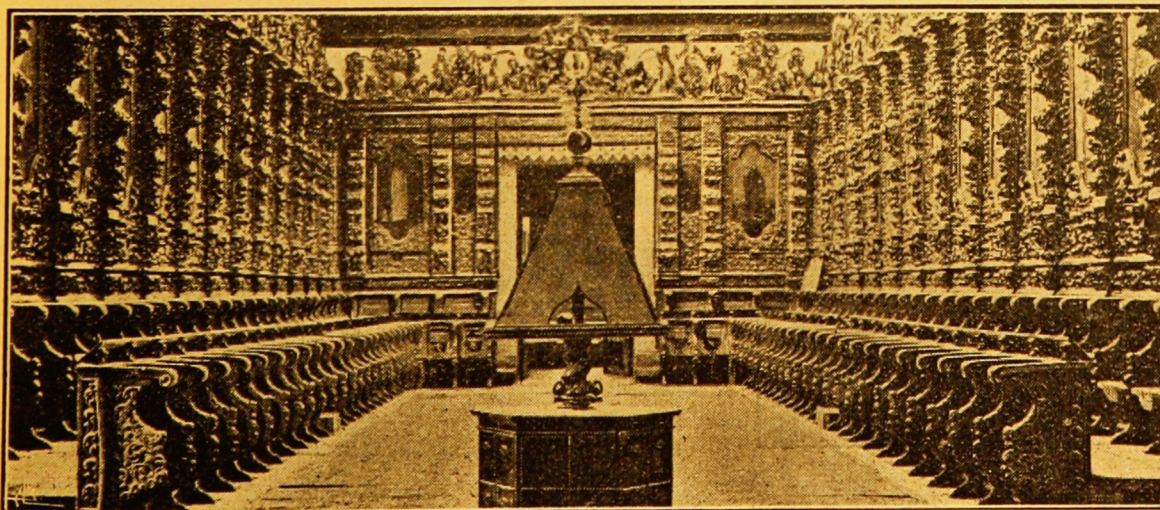
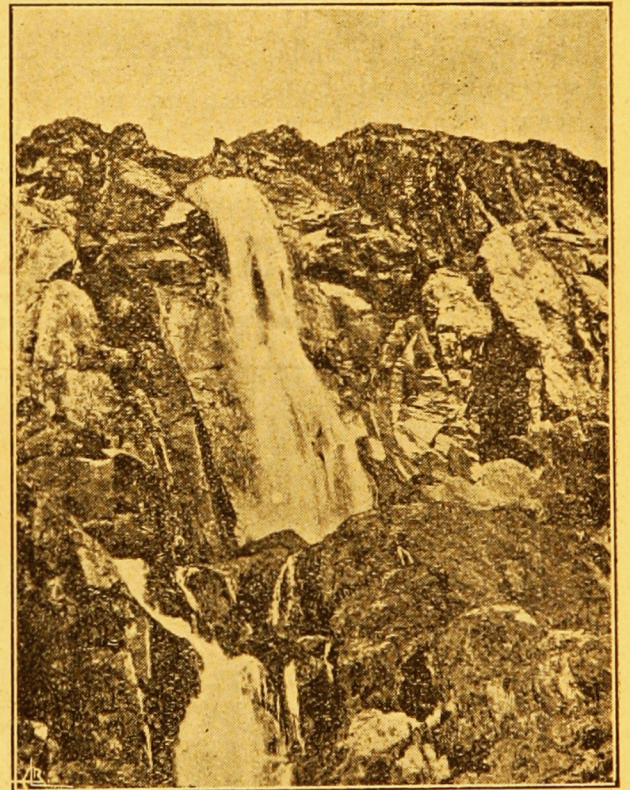
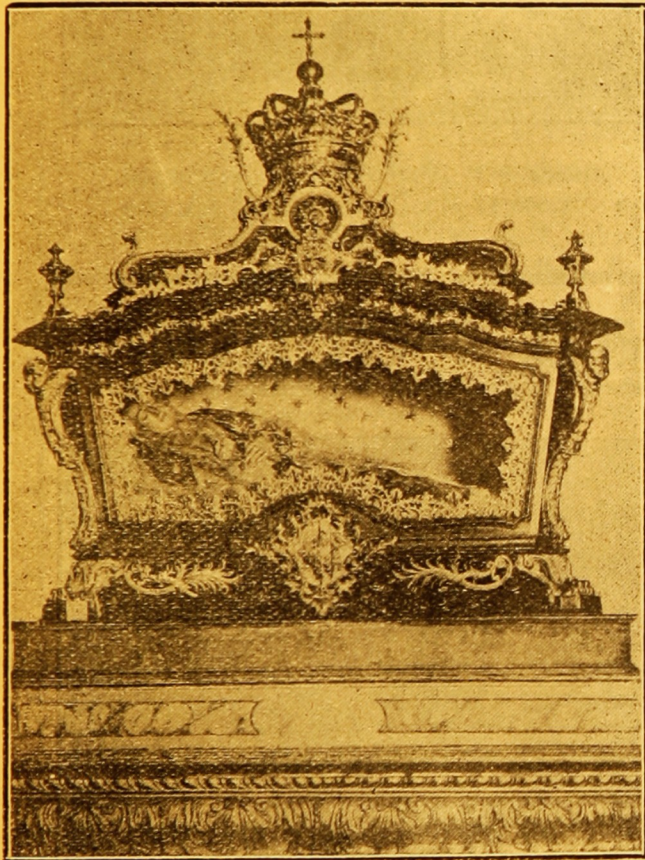
Lamego—Os pagens da Eucharistia com sua bandeira e o venerando Bispo D. Francisco José, ladeado pelos rev. conego Victor José d'Oliveira, dr. João A. d'Aguiar e abbade d' Imacave e Sé (Phot. Gonçalves)



Antonio Torres, commerciante d'esta praça recentemente fallecido.



Arouca—«Orpheon» de Santa Eulalia. Ao centro o rev. parcho padre Antonio Brandão e o sr. major Correia, ensaiadores



Arouca

1—As crianças da primeira comunhão e catechistas da freguesia de Santa Eulalia.

2—O Calvario.

3—A rainha de Hespanha, Santa Mafalda, filha de D. Sancho I de Portugal, no riquíssimo tumulo de ébano e prata que se venera no convento.

4—Uma queda d'agua no alto da Serra de Freira, de 72 metros de altura.

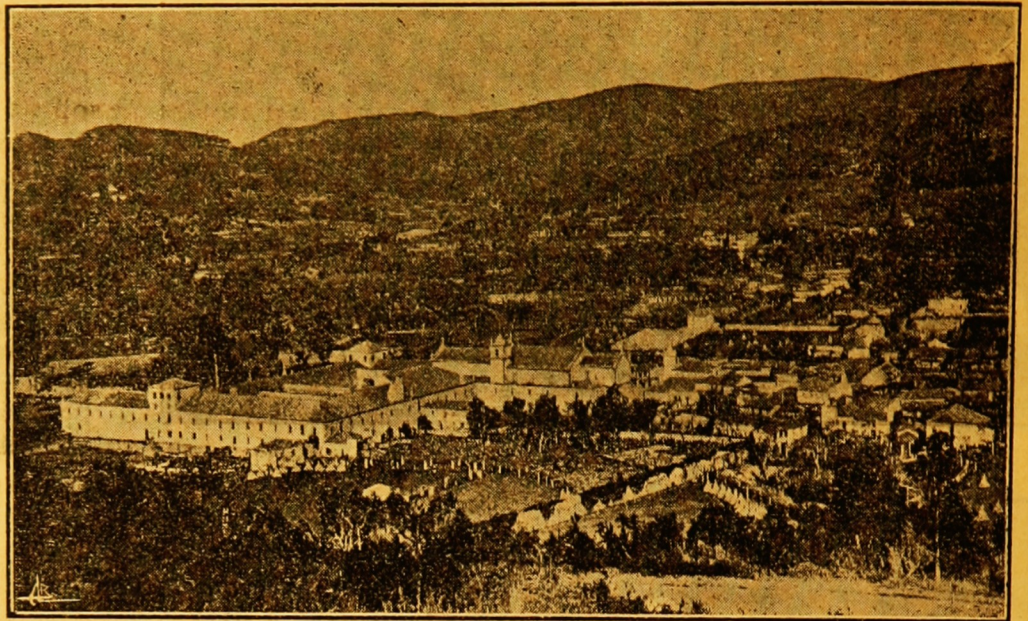
5—O artistico côro do mosteiro.



Arouca

Foi fundada pelos celtas segundo a maior parte das opiniões.

Ha n'esta povoação o celebre e um dos principaes mosteiros de Portugal, denominado o convento das freiras *Bernardas* em que se venera Santa Mafalda, rainha de Castella e filha de D. Sancho I de Portugal, a qual, tendo se separado do marido D. Henrique I de Castella se recolheu a este convento, convertendo-se a ordem de *Cister*.



Arouca

Do Nascente ao Poente



O gigante inglez *Teddy Kobs*, que tem vinte e dois annos de idade e mede 2 metros e 70 centimetros



O gigante inglez. *Frederick Kempter*, de vinte e seis annos de idade e tem 2 metros 40 centimetros de allura

CHRONICA DA SEMANA

O Capellão...

Quando entrei para ouvir a missa das onze, deparou-se-me sobre o supedaneo, revestido de uma casula branca, um padre alto, secco que media o pavimento a passos seguros de quem ainda habituado a marchar...

—*Dominus vobiscum!*

E eu vi-lhe então a face, o perfil... A testa, deitada, para debaixo de um tufo revoltado, emaranhado de cabelo preto, ao tocar nas arcadas superciliares, repuchava, unida lado a lado por um traço espesso de sobranceiras. Profundos e miudos, mas vivissimos, dois olhos pretos dominavam na sombra, a curva quasi-adunca d'um nariz afilado, de azas nervosas, os malares salientes, a linha rasgada d'uns labios grossos, o queixo recolhido.

Ha uma cara assim no painel dos Cavalleiros, de Nuno Gonçalves, o soberbo realiste da pintura nacional que cantou n'umas taboas rudes, ás pinceladas, o grande apogeu da nossa epopeia das conquistas e descobertas.

—*Dominus vobiscum!*

Dentro em pouco, elle fazia a sua homilia, encostado ao altar, as mãos escondidas sob a casula, alto e secco, o busto erecto. Os dois olhos meudos e profundos, dominavam já, tambem todo o auditorio que enchia quasi até ao guarda-vento onde o coração do Dador da Carta repousa n'uma urna grave e pesada de granito...

O Evangelho fallava do Centurião, da sua fé simples e sã.

«... E Jesus respondeu-lhe: *Eu irei, e o curarei.* Mas o Centurião atalhou: *Não sou digno de que entres na minha casa; manda-o só com a tua palavra, e o meu creado será salvo. Pois tambem eu sou sujeito a outro, e tenho soldados ás minhas ordens, e digo a um: vae acolá, e elle vae; e a outro: vem cá, e elle vem; e ao meu servo: faze isto, e elle o faz.* Christo, ouvindo-o assim fallar, admirou-se e disse aos que o seguiam: *Em verdade vos affirmo que não aehei tamanha fé em Israel.*»

E o padre continuou:

—Eu aproveito este exemplo da fé d'um soldado n'este supremo momento historico, para vos pedir, mães portuguezas, do coração, que ensineis os vossos filhos, que no campo de batalha peçam os auxilios religiosos.

Será um pedido materno, e o pedido d'uma mãe nunca esquece... É' este o meu apêllo, o unico e porventura o ultimo que vos faço...

Aqui, a sua voz pareceu enovellar-se um pouco, tremeu. Os olhos meudos e profundos brilharam mais. As mãos, sahidas debaixo da casula uniram-se como em prece. —Um christão não teme o sacrificio pela Patria, O soldado catholico não recua deante da morte. Mas é preciso morrer em Jesus Christo Senhor Nosso...

E insistia:

—A mulher portugueza foi sempre grande na Historia.

Pedi a vossos filhos... É' porventura o ultimo apêllo que eu vos faço!

Na antevéspera, o governo publicára o decreto permittindo, atravez de difficultações mesquinhas, mas sem prohibir, os capellães militares.

A Missa proseguiu. Eu recordei aquelle meu contemporaneo de Coimbra que pedia um padre, lá do fundo do porão do transporte militar que o levava a Inhambane.

Fiz um requerimento, dizia elle na carta que o meu querido Imparcial publicou, no qual pedia um padre. Apareceu-me, ou por mandado ou por vontade propria, um cabo que por escarneo me dizia não sei o quê...

Recordei a subscripção nacional para a assistencia religiosa no exercito. E rezei...

A Missa terminara. O padre erguia o thuribulo a espiralar incenso para o Santissimo Sacramento. Das boccas roseas d'um côro de creanças sahia com uma significação impressionante aquelle verso do *Salutaris*.

Da robur, fer auxilium.

O padre ergueu-se. Passou deante dos meus olhos o seu perfil tão forte, e deante do meu espirito aquelle brado:

—É' porventura o ultimo apêllo que vos faço!

Perguntei quem era. É um sacristão apressado, respondeu-me:

—O snr. padre F..., capellão militar alli do regimento...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Missa d'aldeia

... Amanhecêra de sol aquelle dia soalheiro de dezembro asperrimo. Os outeiros, os montes, os cerros ennovellados de giestas, toucaram-se de neve, n'uma frescura alegre de noviças e um silencio de paz immensa, envolvia tranquillo, a natureza adormecida. Lá em baixo, no pequenino valle escondido entre a renda funebre dos pinheiros, alvejava feliz, a pequena igreja caiada, com sua torre ameada, onde um velho sino rouquejava, lento, de quando em vez. Era domingo, dia de paz e de piedade, dia do Senhor, dia feliz da reza, na velha igreja tão conhecida de todos, tão acolhedora, tão amiga, na sua singella e devota simplicidade como fiel companheira de gerações perdidas já, nas nevoas dos tempos, amparo presente das horas amargas e adversas, com a sua nesga d'adro florido e o palmo raso d'um cemiterio, onde dormiam felizes o ultimo somno, todos os mortos d'aldeia. N'aquella pequena, humilde capella caiada, lá estava o pae de Deus e lá estava tambem a velha pia onde todos se baptisaram, o degrau carcomido do cruzeiro onde todos ajoelharam no dia feliz do noivado longinquo. Lá estava a grade torneada sustendo orgulhosa altiva, a toalha rendada da mesa do Senhor onde a freguezia todos os annos remia, na santidade do Sacramento, suas culpas e dôes.

Cada parede, cada quadro, cada cruz ingenua de via-sacra, ou o apparatus das promessas no revez da columna mestra, constituia uma recordação piedosa para aquella gente. Todas as lembranças felizes, todas as recordações, todas as saudades d'aquellas almas, se prendiam ás paredes caiadas d'aquella velha igreja que, como mãe sollicita e extremosa, a todos amparava e bemdizia. Por isso, a voz do sino, gemendo rouca de quebrada em quebrada, ia juntando, atrahindo, por cerros e valles, fieis devotos para o santo sacrificio. Desciam já dos montes em seus trajes festivos fortes mocetonas d'olhar alegre, lenço traçado, rosario traçado nas mãos devotas; velhas lamuriando resas embiocadas nas saias que lhe cobriam as cabeças decrepitas, arrastavam-se felizes e a pequenada, lavada, fresca, na roupa domingueira, corria e garotava nos caminhos. No escuro dos casaes, nos estabulos, nas côrtes, os homens davam o ultimo ademão ao gado —mãos cheias de fêno não fossem as moças terem descuidado da comida, na pressa do ultimo arrebique, da ultima louçania, para que na missa não dissessem, as invejosas, mal de suas garridices—e lampeiros tambem espanejavam a vestia, arrebicavam-se, compunham-se... O bom Reitor, velhinho de lenda, bem passante dos setenta, ha muito já que deixara a residencia e aquella hora, decerto, já estaria na igreja, zangado não que a zanga não entrava com a sua bondade de santo, mas farto d'esperar que o seu povo acudisse á voz convidativa do sino. E era amado o bom Reitor! Se elle os baptisara, e casara a todos e com todos vivera as horas alegres ou tristes, as amarguras e as alegrias da sua vida intranquilla e incerta. Se elle fôra o pae, o conselheiro, o amigo, o braço e a cabeça d'essa multidão anonyma e soffredora d'ingenuos lavradores.

Se o não haviam de amar! A sua tulha jamais descontentara um pobre, a sua alma nunca recusara um conforto, a sua misericordia não sabia negar. Por isso o povo sollicito, piedoso corria guiado pela voz gemebunda do sino, n'aquella fria manhã de neve. Enchia-se o adro n'uma confusão de côres berrantes onde gritava o vermelho das saias e a polychromia ingenua dos lenços e sob aquelle sol d'inverno, rasteiro e frio, scintillava o oiro fulvo das arrecadas como fogachos incerto d'uma fogueira immensa de côr. As raparigas olhavam os Maneis, receosos da parentella brincando com os paus; as velhas mechericavam e benziavam-se; cochichavam os homens negocios e testilhas, quando o bom Reitor assomou á porta, muito branco nas suas câns solemnes, as mãos enrugadas abertas n'uma benção:

—Vamos, vamos meus filhos... e a gente deixou folguedos e conversas e foi entrando na igreja emquanto o sino velho, na torre ameada e sombria, cantava tambem na sua melodia dôce como se dissesse:

Vamos, vamos meus filhos. E o coração da aldeia cantava n'aquella voz maguada, a alma da raça esplendia, vibrava, n'aquella ingenua melodia.

Feliz, admiravel povo que ainda tem fé, que ainda sabe rezar... E morrerá? como se a oração não fosse a linguagem do triumpho!...

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

V.—Esculptura (noções geraes)

Na architectura dominam as linhas geometricas; a disposição d'ellas, os effeitos da luz, são os meios principaes de que dispõe. Na esculptura entram as linhas anatomicas do corpo; é nas figuras, no relevo que estas hão de apparecer. A estatua e o baixo relevo são as suas principaes manifestações, como o seu objecto primario é a representação da figura humana. A fauna e a flora são tambem consideradas, mas o seu logar na esculptura é secundario e quasi sempre ornamental.

«O Ideal da esculptura diz Lepore (obr. c. pag. 99) é incarnar no relevo das figuras a belleza interior da alma unida ao corpo». Procura exprimir nas formas materiaes as situações da alma; o espirito vivificante é re-tratado, por assim dizer, enquanto transparece no organismo corporeo e manifesta a sua vida interior.

«A belleza da estatua, diz o citado auctor, prescinde das relações externas, dos objectos que a circum-dam. Olha principalmente á attitude (*all'attegiarsi*) da figura em si, isto é, a expressão da alma nos movimentos do corpo».

A sua belleza é triplice: physica, physiologica, psychologica. A primeira aprende-se na anatomia do corpo, no perfeito equilibrio dos membros. A belleza physiologica será estudada nas modificações que soffrem o corpo, os musculos e nervos consoante os varios movimentos que executa. A psychologica virá da observação profunda das correlações do estado do espirito e do corpo, porque é fóra de duvida que a physionomia, os gestos, as contracções musculares e as attitudes espelham as situações do espirito.

A esculptura christã distingue-se da pagã pelo seu ideal que é a representação da vida individual christã. Esta vida, que em Deus obtem o seu grau mais elevado, nos outros seres apresenta gradações successivas. Nos anjos e santos alcançou já o seu termo, a sua plenitude: a visão beatifica de Deus.

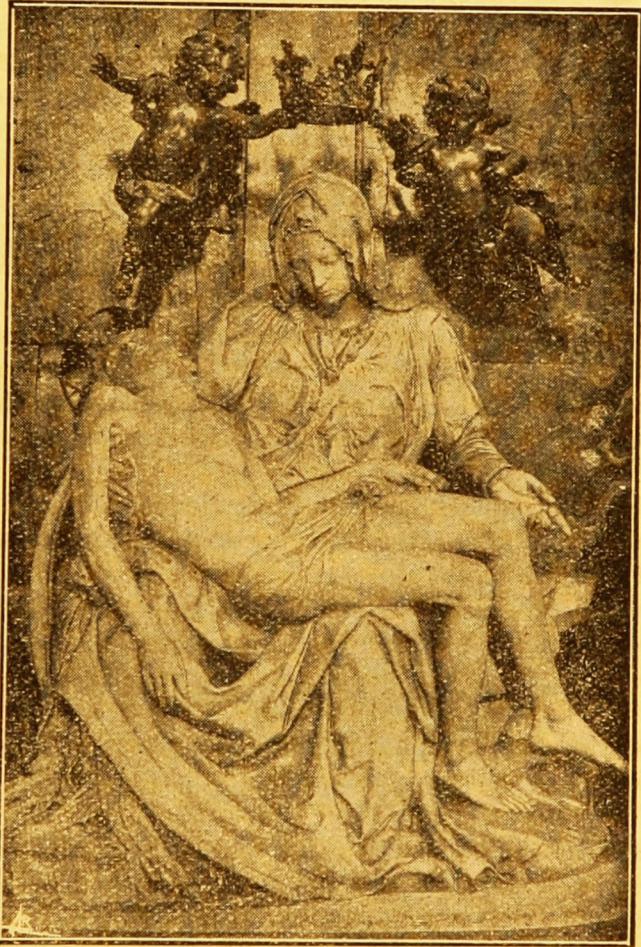
Nos que ainda vivem na terra ella é a manifestação multiplice da tendencia ao fim sobrenatural, á vida eterna. A Oração dos contemplativos, os extases dos santos, a penitencia rigida dos eremitas, o recolhimento dos solitarios, os soffrimentos dos martyres, tudo são meios de alcançar a vida eterna, são esforços feitos pelo homem para obter o seu fim sobrenatural. Mesmo as estatuas que representam os que repousam nos tumulos, quando não traduzem uma situação da vida, devem exprimir ao menos o somno confiado dos justos nos braços amorosos de Deus.

D'onde se conclue que o elemento dominante na esculptura sacra deve ser a espiritualidade. Muitas vezes as suas producções serão imagens destinadas ao culto nos altares. Quão longe do seu objectivo não estarão portanto as imagens que longe de elevar os nossos espiritos, só despertam no observador sentimentos humanos e até chegam a provocar o ridiculo pela sua execução grotesca!

Não possuindo outros elementos alem das linhas do corpo e expressão do rosto para materializar o ideal, o escultor fem forçosamente de recorrer por vezes ao nu. A eloquencia muda das linhas do corpo, por vezes, será o unico meio de exprimir a ideia. E' certo que na esculptura christã tal meio não é tão necessario como na pagã, mas algumas vezes é imprescindivel. E de facto como exprimiras dores do Calvario se não'no corpo exangue de Christo na Cruz? E quem jámais se offendeu da nudez do Crucifixo?

O nu na arte não pode pois ser totalmente condemnavel, o que se deve profligar é o abuso que faz predominar a forma sobre a ideia, a falta de inspiração em traduzir e entender os sentimentos religiosos, muito difficeis de se attingir por serem intimos e cobertos pelo veu da humildade, impossiveis de serem entendidos por quem os não tiver experimentado em sua propria alma,

Concluamos com uma pergunta. Deve-se colorir a estatua? Não julgamos que se possa responder categoricamente a esta questão, ainda debatida pelos artistas. Parece-nos porém que a coloração em nada concorre para a perfeição da estatua. E' certo que os gregos davam uma ligeira tinta nas carnes para augmentar a illusão do relevo; mas por outro lado é incontestavel que as côres muito vivas, a polychromia das estatuas tornam-nas desagradaveis aos olhos «pelo contraste demasiado vivo entre a illusão do verdadeiro e o arredondado da figura, da vivacidade das tintas com a sua immobilidade». (Lepore l. c. p. 106).



Pietà de Miguel Anjo

Horas tragicas

•E as victorias contei por batalhas!
Ninguem ouve o meu nome a sorrir!•

(Ernesto Marrecas — O Panorama Vol. XI).

Corria o anno de 1714, estava no throno portuguez o faustoso Dom João V. O mez de março d'aquelle anno, corria sereno e bello, e emquanto na côrte da Ribeira se realisavam saraus, entretenimento intimo de musica, cantada pelos mais notaveis castrados vindos de Italia e por notaveis musicos que executavam magnificamente trechos de Jumelli e de Dominico Scarlatti, o dignissimo cravista e professor de solfa da Infanta Dona Maria Barbara, emquanto Dom João V agarrava de noite as açafatas para lhes dar beijos, o que lhe valeu de uma vez uma valente bofetada da condessa de Villa Nova, no alto mar navegava vinda do Brazil em direcção a Portugal a nau *Senhora do Carmo*, trazendo a bordo o desembargador Antonio da Cunha Souto Maior e sua mulher Dona Maria de Sequeira.

Já ha muitos dias que a nau partira da Bahia; em toda a derrota o mar tinha-se conservado constantemente sereno, atravez da grandiosidade das suas aguas, As vagas arqueando-se, formando montanhas de aguas esverdeadas e espumantes corre balouçando a nau portugueza, parecendo que todos os abysmos que se formavam avidamente de onda para onda respeitavam aquella impavida nau, que navegava leve e serena, ora illuminada pelo sol rutilante dos dias alegres de belleza, ou banhada de luz prateada pelas noites luarentas.

Mal sabia Dona Maria de Sequeira, a respeitavel senhora portugueza, que tão tranquillamente conversava a bordo junto do marido, que havia de soffrer ainda n'aquella viagem momentos dolorosos entre a vida e morte, horas tragicas de soffrimento, luctas angustiosas, minutos dilacerantes de magua!

A noite precedente do dia que havia de despontar do segredo das trevas, e que era o vigesimo do mez de março, tinha-se conservado cheia de encanto.

Um luar brilhante illuminava como em um espelho de prata, as aguas do mar, enchendo de laminas prateadas, tremulas, as cristas das vagas, que mesmo em aquella noite pareciam mais tranquillias que o costume.

—Snr. Gaspar dos Santos, perguntou Dona Maria de Sequeira, ao commandante, ainda nos faltam muitos dias para avistarmos os alfozes de Lisboa?

—Pela madrugada, passaremos pelas Berlengas, depois apenas nos restam dois dias para entrarmos a barra da nossa querida cidade.

—Ah! Temos feito uma bella viagem, accrescentou Souto Maior, que de pé olhava para o oceano, vendo-se-lhe no rosto a admiração por aquelle quadro magnifico que a Natureza offerece ao homem para lhe revelar a sua força.

—Deus tem sempre protegido esta minha nau, parece que as aguas do mar a respeitam!

—Não me admira, disse a mulher do desembargador, não foi ella baptisada com o nome de *Senhora do Carmo*?!

—Outro melhor não se poderia escolher, senhora minha, disse o commandante, cheio de religiosidade.

—Ha tres dias que não passamos por nenhum navio, disse Souto Maior, sentando-se em um montão de cabos.

—Nem mesmo um navio de corsarios, que ás vezes nos encommodam bastante.

—Tambem não nos fazem falta, disse risonho Souto Maior.

(Continua).

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

(Do livro em preparo: *Almas Portuguezas*).



A questão mexicana



O general Huerta, antigo presidente da republica mexicana que depois de demittido se retirou para a Europa



O general Carranza, chefe do partido constitucionalista



O general Orozco, que a frente de 10,000 homens se revoltou contra o presidente Carvalhal, quando este subiu ao poder



O general Felix Diaz, chefe da revolução mexicana

D. José Maytorena, chefe da revolução em Sonora



O general Villa † e o seu estado maior, chefe da ultima revolução

o *Página da Guerra Europeia* o



Construindo trincheiras.—Soldados carregando com saccos de ariz para o parapeito das trincheiras.



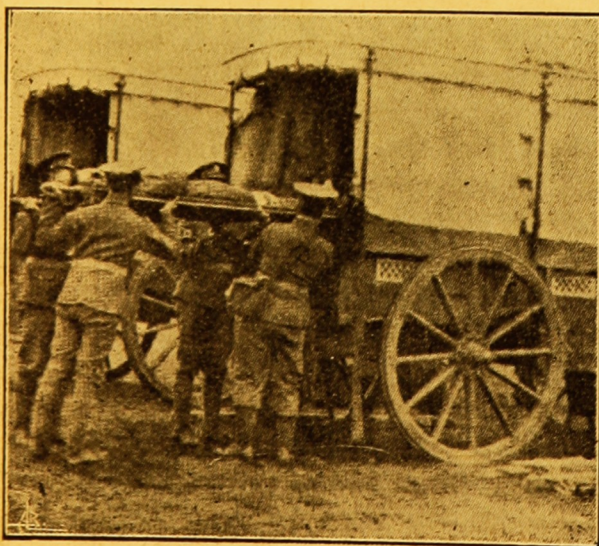
Abrindo a trincheira



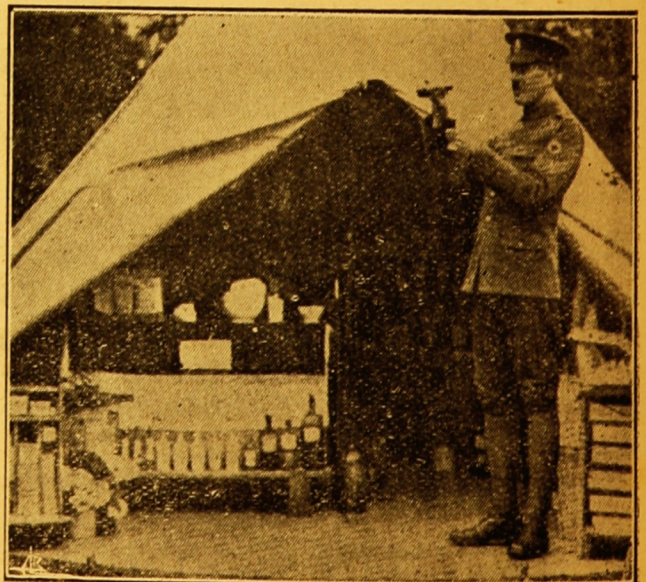
Os socorros aos feridos.—Os primeiros socorros



Nas macas



Entrando para os camions



A pharmacia junto ás linhas

A poesia mystica na Edade media

É um assumpto palpitante bem digno de ser versado por penna mais competente que a do humilde auctor d'estas linhas. Tempo houve em que para os historiadorez mais ou menos inimigos da Igreja, a edade media era uma epoca de barbaria, de trevas e fanatismo intolerante, opressora do pensamento humano que não podia espriar-se nos vastos horizontes da sciencia nem elevar-se ao ideal da poesia. Os estudos historicos modernos começam a fazer justiça áquella epoca tão fecunda em pensadores illustres, tão rica em maravilhas d'arte, tão opulenta em obras primas do genio do homem. Ouçamos uma distincta escriptora espanhola discursando com eloquencia arrebatadora sobre a Edade media:

«É a Edade media uma como denegrída pintura, coberta de mais a mais, por camadas de denso pó. Se queremos distinguir o assumpto e que se destaquem do fundo sombroo figuras ideaes e mysticas com aureola dourada, é forçoso que limpemos antes a tela. Nota-se á primeira vista d'olhos o bello conjuncto da estatua grega: mas para apreciar a formosura da arte medieval é forçoso que a intelligencia e o coração corrijam o juizo dos sentidos. Acertadamente observa Görres que se estudarmos tão poetico periodo, não com odio, mas com fé e amor, rompe-se a porta de bronze que nos separa d'elle, e á luz d'uma alampada amortecida pelo transcurso dos seculos logramos ver o que os tempos passados produziram. Hoje pratica-se o preceito de Görres,

Antecipou se a imaginação em comprehender a Edade media e appareceu o periodo romantico: a intelligencia seguiu os seus passos, a França, a Italia, a Allemanha rivalizaram entre si em produzir eruditos, que com pacientes investigações e critica sagaz vingassem os seculos medios da nota de barbaros. Se, apesar d'isto, não faltam auctores que arrastados por cega parcialidade, qualificam a Edade media da epoca de trevas, de feto monstruoso, os doutos e pensadores imparciaes, despidos das vulgares e mesquinhas preocupações do que chamam *bom senso* e das ideias da Encyclopedia do seculo XVIII, vislumbam atravez das trevas luz clarissima, e reconhecem a vantagem que a *sociedade barbara* tem sobre o estado romano» (1). Accusam ainda a Edade media de falta de unidade e harmonia não só na sciencia e na arte senão tambem nas instituições politicas. Faltava áquella epoca a uniformidade romana. A esta accusação responde a illustre escriptora: «Ha na Edade media um elemento de unidade suprema: elemento não material e externo, mas interno, profundo: a ideia de Christo, que como aura vivificante e subtil se infiltra por todas as partes; inspira leis, artes, sciencias: columna de fogo que illumina e guia os povos errantes no deserto da Europa, e os determina a construir e crear, em vez de se assentarem desolados sobre as ruinas que os cercam. Não ha alavanca mais poderosa para mover as multidões humanas do que uma crença; nem ha tambem laço mais forte para as unir. Com razão se diz que a Religião liga estreitamente os homens n'uma só alma. O mesmo se pôde afirmar das raças e povos. Synthese da Edade media, a ideia religiosa resolve toda a antinomia. Luctaram entre si poderes, nações, cidades, monarchas: chamassem em seu auxilio o christianismo e veriamos como se levantavam unanimes. Tudo o que a actividade creadora da Edade media elaborou tem, pois, o sello christão: philosophia, poesia, pintura, architectura, sciencia direito consuludinario e escripto (2)».

O christianismo é a expressão transcendente da unidade, porque tem por auctor Deus, uno em essencia e trino em Pessoas. O dogma augusto da Santissima Trindade é a expressão divina da unidade na variedade, e da variedade na unidade.

No ceu da Edade media illuminado pelas luzes brilhantissimas do christianismo apparece a poesia christã limpida e radiante como a fé evangelica a glorificou na Mulher ideal-real de belleza creada, vestida do sol, coroada de estrellas, pousando os divinos pés sobre a lua. A Beatriz de Dante é um pallido mas formoso reflexo da belleza inexcédível de Maria, a Immaculada. Coroada pelos anjos nas espheras celestes, foi coroada pelo poeta nas estrophes do seu poema sacro. Viu-a o poeta nas ruas de Veneza quando menina de nove annos, e para a contemplar ainda outra vez, Dante «cruza os circulos tenebrosos do Inferno, banha-se nas aguas purificantes do Purgatorio e sóbe alfim ás espheras luminosas do Paraizo», onde a vê bemaventurada.

Tem sabor e inspiração mystica a poesia de Dante; mas outro poeta houve no seculo XIII, a quem de justiça podemos chamar o principe da poesia mystica d'aquelle periodo, S. Francisco de Assis. D'este dulcissimo poeta fallaremos nos artigos seguintes,

L. M.

(1) *San Francisco de Assis* (Siglo XIII) por Emilia Pardo Bazan — Tom. I, pag. XVII e seg. (2) Obr. cit.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Querendo o governador da cidade de Amiens apoderar-se da cidade de Arrás, no anno de 1643, chamou um soldado e confidenciou-lhe:

—Vais fazer a tua fortuna. Disfarças-te em mercador de fructa, entras em Arrás, tens um conflicto e matas um homem; julgam-te e condemnam-te a morreres enforcado. Mas como em Arrás é costume fazerem-se as execuções fora das muralhas, eu terei gente occulta junto da porta da cidade e penetrarei dentro, libertando-te. Pensa e responde-me amanhã.

No dia immediato o soldado respondia:

—Senhor, é admiravel o vosso plano, mas deve soffrer uma pequena modificação, e é que seja eu quem comande a emboscada e vós que vades vender a fructa ao mercado.

Caluda!

Uma senhora nonagenaria encontrando-se n'uma rua de Pariz com Fontenelle, a quem não via ha annos e que era ainda mais velho que ella, disse-lhe:

—E' possivel que ainda sejamos vivos?!

O sabio respondeu pondo o dedo na boca:

—Caluda. E' porque a morte se esqueceu de nós.

Ricardo Cromwell

Era filho de Oliverio Cromwell, que proclamou a republica em Inglaterra fazendo cahir no cadafalso a cabeça de Carlos I. Por morte de seu pae herdou o titulo de Protector, ou presidente da republica, cargo que exerceu por pouco tempo preferindo-lhe a vida socegada e campestre na provincia, vindo a morrer com noventa annos.

Indo um dia á Londres teve a curiosidade de visitar a camara dos pares. Lord Bathurat, admirado da sua aparição naquella logar, disse-lhe:

—Ha já tantos annos que o snr. Ricardo não vem a esta sala!

—Eu não tornei aqui a entrar depois do tempo que me assentava alli (apontando para o throno) e que vosso pai, mylord, dobrava o joelho na minha presença.

Chorar e rir

Perguntaram a Socrates:

—Porque é que as mulheres estão sempre promptas a chorar?

—Porque estão sempre promptas para rir.

Verdadeira amizade

Enrique IV de França desterrou da corte ao senhor de la Tremouille, de quem o conde d'Aubigné era sinceramente amigo e que por isso não deixou de visita-lo sempre que os seus afazeres lho permittiam.

O rei estranhou descontente este procedimento, mas o conde fe-lo emudecer, dizendo:

—O senhor de la Tremouille é bastante desgraçado pois que perdeu o favor de seu soberano, e eu julguei não o dever abandonar quando mais precisão tinha da minha amizade.

Fiel depositario

O bibliotecario-mór da real bibliotheca de Madrid era tão ignorante que, o snr. Barru, embaixador francez, disse um dia a Philippe IV:

—Eu aconselharia a V. M. que o fizesse intendente do thesouro real, porque me parece que elle não toca jamais no deposito que se lhe confia.

O matrimonio procede do amor, como o vinagre do vinho. — *Lord Byron*

A amizade é mais estimavel que a prata e o ouro.

Aquelle que é amigo é-o em todo o tempo, e conhece-se nos lances apertados.

Do Livro dos Proverbios.

Se os soldados fossem philosophos nunca se batiam. — *Hoche*

Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes). —3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsão; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; faz visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o uneral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o uneral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^a—rua do Corpo da Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Almanaque de Santo Antonio (Para 1917)

Está publicado este excellente ALMANAQUE.

A' venda nas principaes livrarias e na administração do BOLETIM MENSAL

BRAGA

PREÇOS Brochado, 250
Cartonado, 320

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu,

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA